

**Carta Circular do Superior General  
P. QUILÉO FIORENTINI, IMC  
Aos Jovens em formação  
(B.U., Fascicolo 133, 2010, pp. 1-15)**



**CARTA DO SUPERIOR GERAL AOS JOVENS EM FORMAÇÃO  
SER MISSIONÁRIO NA COMPANHIA DE JOSÉ ALLAMANO**

Caríssimos Jovens!

Estou a escrever-vos especialmente a vós que sois membros das comunidades dos noviciados e dos seminários maiores. E quis fazê-lo antes da Festa da nossa querida Mãe Consolata. Logo no princípio do ano enviei uma carta a todos os confrades do Instituto para lhes participar que o protector especial para o ano 2010 seria o nosso Pai Fundador, o Beato José Allamano. Tudo o que naquela carta escrevi também vos diz respeito, evidentemente. Todavia agrada-me entreter-me especialmente convosco para vos dar a saber que o nosso Pai tem muito a dizer-vos neste período tão especial da vossa vida. Vós estais em comunhão com o seu carisma da mesma maneira que quando ele próprio fazia as admissões ao Instituto mas vós vivei-lo hoje, neste tempo que é vosso. Para poder vivê-lo hoje com uma fidelidade dinâmica, torna-se indispensável conhecer e bem o Fundador, admirá-lo, amá-lo e admitir todos os seus critérios de vida.

O esquema desta minha carta envolve duas ênfases: a ênfase sacerdotal, visto que vivemos o Ano Sacerdotal declarado pelo Papa Bento XVI; a do retorno às origens, precisamente para colher do nosso Pai tudo o que ele dizia sobre o sacerdócio, sobre a vida consagrada e sobre a vida missionária; e a da interrelação formando-formador, porque ele próprio era formador. Estais convidados a apreciar com quanta intensidade ele próprio se preparou para o sacerdócio, como viveu num espírito religioso e missionário autêntico, com um método tão eficaz que o fez subir à santidade; e depois o modo como preparou os seus filhos e filhas para o sacerdócio e para a missão – porque a sua técnica educativa continha e ainda contém princípios e critérios essencialmente válidos que fielmente devemos conservar e desenvolver numa criatividade dinâmica.

**FORMAI-VOS COM EMPENHO, COMO ELE FEZ**

**A vocação exige decisão**

A vocação à vida consagrada e ao sacerdócio é um dom divino especial que se insere no vasto

projecto de amor e de salvação que Deus tem sobre cada pessoa sobre a humanidade inteira. Deus, por especial iniciativa, escolhe alguns a seguir mais de perto o seu Filho Jesus Cristo e dele serem testemunhas e ministros privilegiados. A confiança na iniciativa de Deus deve corresponder uma resposta positiva da parte da pessoa humana. Vós fazeis parte deste escol dos chamados. Convidovos a que apreciéis como J. Allamano viveu os anos de seminário, para que possais seguir os seus passos. Lembrais as palavras que disse aos seus irmãos que dele desejavam uma entrada mais tardia para o Seminário para fazer com eles os cursos superiores? Eis como ele próprio narrou aquele acontecimento de família: «A minha maior satisfação é a de ter sempre feito tudo o que era possível por seguir a vocação que Deus me tinha dado. Quando ainda garoto, eu tinha dois irmãos: um estudava medicina e outro direito; e queriam que eu estudasse como eles. Mas eu respondi: «Não, eu quero ser padre! Deus chama-me hoje e não sei se chamará outra vez!» (Conf. SMC, I 59; cf Conferenze SMC, II, 290; Conferenze IMC, I, 491).

E por fim: «Eu deveria passar o resto da vida de cabeça baixa a agradecer a Deus a minha vocação» (Conf. SMC II, 559). Ora aí está a primeira atitude de que o Fundador é modelo, sobretudo hoje: autoconsciência e decisão sobre a vocação. Lembrai-vos de que o Fundador procurava e ainda procura jovens decididos e fortes, não gente incerta, incapaz de se orientar na vida, sempre agitados por reticências. O que importa é nunca perder o amor que se manifestou no dia do primeiro “sim!” Ele levou esta decisão inicial consigo para o Seminário e empreendeu uma caminhada formativa fervorosa. Os seminários daqueles tempos reflectiam uma organização bastante rígida, embora se não deva minimizar o respectivo valor. De facto saiu do Seminário de Turim um escol de sacerdotes de renome, desde José Cafasso a Dom Bosco, a Murialdo, aos irmãos Boccoardo, etc.

O Sistema educativo, salvo poucas variantes assentava em três bases: piedade, estudo e disciplina. José Allamano adaptou-se sem esforço ao seminário como estava; até mesmo o estimava e, uma vez ordenado sacerdote, aceitou voltar para lá, primeiro como assistente e depois como director espiritual. Ao fim confessou candidamente: «Depois de 14 anos de Seminário cheguei a chorar ao deixá-lo, mas certamente que nem todos se sentiam assim» (Conf. IMC II, 21). E não o dizia por brincadeira: «Terei sempre eterno reconhecimento pelos meus superiores que não me deixaram fazer o que me dava na gana; sempre me podaram» (Conf. IMC, II, 463.)

### **Uma formação dirigida mas também livre**

A sua confiança pessoal e a que tinha nos formadores, quer dizer, no reitor, no director espiritual e nos docentes, era total. Confiava neles na convicção de que eles eram a expressão do cuidado que Deus tinha com a sua preparação para o sacerdócio. Como exemplo desta atitude de confiança vou relatar um acontecimento que nos poderá parecer simples, mas que naqueles tempos era verdadeiramente importante. É o P. L. Sales quem no-lo transmite: «Infelizmente, naqueles tempos de ataques jansenistas, a Comunhão quotidiana ainda não era muito habitual, nem sequer nos seminários; e ele era dos poucos que a recebiam. Muitos da velha guarda ficavam impressionados com esta prática; por isso o receio de fazer ver tê-lo-ia por vezes impedido de ir à comunhão, se o Director não o tivesse ido encorajar: «faça, faça». Mas os colegas vão dizer que quero fazer figura de santo... - Então faça sempre por setornar cada vez melhor» (L. Sales, *Appunti Biografici*).

Ao mesmo tempo, ele era livre e autêntico. Ainda se conserva o texto que compôs, aprovado pelo seu director espiritual, com o qual diante de Maria declarou diante da «rainha e mãe de todas as virgens» o voto de castidade antes de receber a ordem do Subdiaconado. Nessas ocasiões os candidatos ao sacerdócio, convidados pelo Bispo, davam o famoso passo em frente como sinal visível do seu compromisso perpétuo por uma vida de castidade perfeita e de celibato. Ouçam a confiança que o próprio Fundador fez ao Padre D. Ferrero em que explicava as razões deste voto antecipado: «Não queria que alguém dissesse que me tinha consagrado a Deus por ser preciso, ao ir receber o subdiaconado; quis que Deus recebesse a minha espontânea oferta antes que isso me fosse exigido

*(pelas leis da Igreja)» (D.Ferrero, Ricordi delven.mo Padre, Arquivo IMC). Eis o que o Fundador seminarista vos ensina, então: “Estar atentos, ser fiéis e coerentes na direcção dos formadores mas conservar a vossa liberdade interior e a vossa espontaneidade decisória. Deveríeis poder dizer sempre :«A decisão foi minha».*

### **Formação integral, com prioridades**

Na preparação para o sacerdócio, José Allamano teve particular empenho na dimensão espiritual e intelectual, sem o mínimo descuido pela dimensão humana episcopal. Ao nível da formação espiritual, o seu objectivo era sobretudo a interiorização da Palavra de Deus e o ouvir dos conselhos dos formadores. Como era costume então, o seminarista Allamano tinha composto o “Regulamento de vida” que, ao longo dos anos, refinaria várias vezes para o adequar às circunstâncias. Apesar da minuciosidade, esse regulamento dá-nos a entender que ritmo tinha marcado logo desde o início. Por exemplo, sobre o plano para valorizar o começo de cada manhã: “Levantar: sereipontual saltando da cama ao primeiro toque da campainha; e quanto à modéstia, recordar-me de que o corpo é templo do Espírito Santo. Erguerei logo a minha mente até Deus para Lhe agradecer a boa noite que tiver tido, para Lhe oferecer todos os pensamentos, palavras e acções do dia, prometendo fugir do pecado e trabalhar na minha santificação. Depois elevarei o meu pensamento a Maria Santíssima para que me abençoe» (Regolamento di vita, Arquivo IMC).

Notai esta frase que poderia tornar-se um lema «Erguerei logo a minha mente até Deus!»! Ao nível do estudo, José Allamano distinguia-se sobretudo no seu extraordinário empenho que, embora muito lhe custasse devido à fraca saúde, contribuiu para Lhe fornecer uma boa preparação intelectual. No arquivo geral guardam-se os seus cadernos de apontamentos escolares, dos quais resulta o grau de atenção e organização com que interiorizava os conteúdos dos temas apresentados pelos professores. Mas o seu estudo não se limitava às operações mentais; descia até à intimidade da sua personalidade de seminarista e reforçava a sua fé. Foi Dom Giovanni Battista Ressa, Bispo de Mondovì e colega de seminário do Fundador a confessar: «Quando eu elaborei um catecismo para o ensino primário e superior da diocese, fui consultar J. Allamano sobre o tema da Eucaristia, particularmente sobre o santo sacrifício da missa, com base nos estudos que tínhamos feito. Logo ele tirou cá para fora os densos cadernos de apontamentos que encaixavam perfeitamente com as minhas ideias sim, mas tinham maior devoção» (Testimonianza, Arquivo IMC).

Reparai que “maior devoção” é muito indicativo da personalidade do Fundador, que combinava ciência e fé. Poderíamos considerar o seminarista José Allamano noutros aspectos, como por exemplo, o seu relacionamento com os colegas, capacidade de servir, delicadeza de sentimentos ou dimensão missionária. Tratai-vos disso, lendo os numerosos estudos sobretudo as biografias que já temos. Para encerrar este aspecto, cinto-me a relatar o pensamento do já citado Dom Battista Ressa no Santuário da Consolata por ocasião do 50.º ano de ordenação do nosso Pai e que é uma espécie de síntese da sua personalidade; «[J. Allamano] era o nosso modelo no fervor da oração, na comunhão frequente, na atenção aos professores, na aplicação ao estudo, na paciência e na amabilidade, no esplendor da virtude angélica. Nunca o vi perturbado ou irrequieto, sempre em paz, bem querido por todos. Todos sabiam que era ele quem estava mais próximo do Coração de Jesus e era o seu maior amigo, a quem ninguém teria ousado comparar-se» (G.B. Bessia, Homilia do 5.º ano de ordenação, Arquivo IMC).

### **Colaboração com os formadores**

Tende a certeza de que enquanto educador, o nosso Fundador tinha uma pedagogia que hoje se revela actualíssima. Ensina-vos a relacionar-vos com os formadores que o Instituto colocou ao vosso lado para que vos acompanhem na consagração religiosa, no sacerdócio e na missão. Sou do parecer que vos poder ajudar na vossa formação normal o conhecimento do seu método educativo. Vou indicar-vos algumas dessas características, incitando-vos a pô-las em prática no relacionamento com os vossos formadores e espiritualmente também com ele ao entrardes em contacto com o seu

pensamento. Tende presente que J. Allamano não era visto pelos seus jovens apenas como educador, mas antes de mais, e direi, acima de tudo como “um pai”. Corria entre eles os seus filhos uma corrente de entendimento espontânea que facilitava o seu envolvimento. Aqueles jovens sentiam-se acolhidos, estimados e amados. Ereci procuravam-nos com igual estima e amor. «Enquanto Fundador – disse com entusiasmo o P. Guido Bartorelli numa comemoração em Alpignano – não os substituiríamos por outro» (Commemorazione, 16 de Fevereiro de 1981 ArquivoIMC).

Ele não fazia distinções: todos eram chamados à missão pelo Espírito e por isso todos eram igualmente seus. Notai um pormenor que sempre me impressionou. O Fundador não indicava ideais diferentes, mais ou menos elevados em razão das diferentes capacidades dos vários indivíduos a cada um; sempre propunha a todos o ideal máximo de santidade. Ele conhecia bem aqueles jovens e sabia que não eram santos, dizendo-lho claramente. Mas sendo um homem positivo e optimista quanto à capacidade humana de melhorar, acompanhava-os por uma via ascendente, de envolvimento e de encorajamento, nunca se contentando com o estado em que se encontravam. Ouçamo-lo: «O ar desta casa é um ar que forma santos. Não é que todos sejam santos (embora devesses sê-lo) no entanto é possível fazer-se santo. Por isso [...] dizei: Ad quid venisti? [por que vieste?]. Para me fazer santo e não para outra coisa. Se vos fizerdes santos tereis conseguido tudo; e se não, nada. Tereis errado em toda a linha» (Conf. IMC, II, 83).

Ao explicar a “finalidade primária” do Instituto, a 1 de Novembro de 1913, o Fundador dizia com vivacidade «Quem vem para aqui deve antes de mais fazer-se santo “santificação dos seus membros”, não de qualquerum, mas de todos [...] Se alguns não tenderem a isso, não ficará cumprido o fim primário. Digo de todos: e para não faltar à justiça a ninguém, todos são membros e devem fazer-se santos, devendo ajudar-se» (Conf. IMC, I, 619). Do primeiro ao último dia a santidade foi o ideal proposto com convicção e insistência a todos. Os grandes homens actuam desta forma, voam sempre alto. Portanto, entre vós e os vossos formadores deve amadurecer o entendimento espontâneo e profundo, que consiste na estima e no afecto mútuo, bem como na autoconsciência de que ninguém é excluído da consecução do ideal máximo da santidade missionária.

### **os encontros comunitários**

José Allamano, que vivia na Consolata e na Casa Mãe, educava os jovens à vida e à missão sobretudo mediante encontros, quer comuns quer pessoais. Já sabeis com que constância e com que regularidade ele ia todos os Domingos, e muitas vezes também durante a semana, à Casa Mãe... Os testemunhos dos que então tiveram a sorte de participar nas suas conferências são realmente como vedoras e explicam-nos o ambiente que ali se havia criado e a densidade dos conteúdos que o Fundador oferecia aos alunos. Tratava-se mesmo de encontros de família. «Ao Domingo – relembra o Irmão Benedetto Falda – entregava-se completamente aos seus filhos [...] A sua conferência não era nada catedrática ou rígida; era o Pai que, sentado entre os filhos que queria ter bem perto, especialmente os irmãos auxiliares, e lhes falava à vontade. Dava conselhos quase ao ouvido, mas que ficavam gravados na alma e nos embeveciamos ao espírito» (Testimonianza, Arquivo IMC). O Padre V. Dolza, na sua simplicidade, deixou-nos um parecer muito louvável daqueles encontros: «O seu zelo pela nossa formação e pela nossa santificação manifestava-se sobretudo nas maravilhosas conferências do Domingo. Chegava lá sorridente, sentava-se, tirava do bolso uma ficha e nós ficávamos ali encantados com a sua palavra. Como desejávamos aqueles momentos, afinal sempre curtos demais para nós!» (Commemorazione, 16 de Fevereiro de 1945, Arquivo IMC).

Os garotos “ficavam encantados”. Mais do que isso nada mais se pode dizer. Notai que os encontros dominicais eram largamente informais. A atitude do Fundador criava logo um clima de espontaneidade. Para o verificardes, aconselho-vos a que vejais nos volumes das conferências como é que habitualmente iniciava a sua conversa e sobretudo como fazia o encerramento. Era sempre muito espontâneo e entusiasmante. Muitas vezes esses encontros eram enriquecidos com a leitura de

notícias das missões e encerravam-se com a distribuição de rebuçados, doces ou fruta. Trata-se de características que poderão inspirar os nossos encontros comunitários de hoje, onde juntamente à riqueza de conteúdos se junta um estilo igualmente familiar e espontâneo. O Fundador lidera-nos neste sentido.

**Nos contactos individuais** Além destes encontros em comum o Fundador entretinha-se de forma habitual com os seus rapazes. Primeiro recebia-os com cordialidade e com calma, tanto no Instituto como na Consolata, nunca dando a impressão de estar com pressa. Os testemunhos relatam que, quando se encontrava com alguém, parecia nunca ter nada que fazer, tal era o à vontade e a tranquilidade. De entre tantos casos, vou citar o P.D. Ferrero: «Ouvia-nos, interrogava-nos como se não tivesse mais que fazer» (Testimonianza, s.d.... Arquivo IMC). Diz a Irmã Chiara Strapazon: «Quando chegou a minha vez, recebia-me com grande benevolência e paterna bondade; mandava-me sentar perto e ouvia-me atentamente como se não tivesse mais que fazer» (Testimonianza, 21 de Novembro de 1943, Arquivo IMC). Esta atitude de calma e de atenção completa às pessoas e ao que diziam no encontro, tem fundamental importância no diálogo entre formadores e formandos. «Durante cerca de 30 anos nunca aconteceu que alguém não fosse recebido – escreveu o Padre L. Sales na primeira biografia de José Allamano. [...] Com poucas palavras depois consertava tudo. Mas era preciso ouvir com que ênfase o fazia, observar o seu gesto simples mas decidido e a posição da cabeça, e o olhar límpido e penetrante que ia até ao fundo da alma» (L. SALES, *Il Servo di Dio...*, 234-235). Também o Padre Vittorio Sandrone tem algo a dizer sobre a matéria: «Com frases muito breves, quase sempre da Escritura, que pronunciava num tom volitivo muito próprio, o Senhor Reitor resumia os seus colóquios privados, animando-nos nas nossas dificuldades. Eis algumas que mais frequentemente me dirigiu: Nunc coepi [retoma o caminho] – Quero fazer-me santo - Procura ver Deus em tudo e em todos – Deus quer almas generosas – Quem quiser fazer-se santo também deve ser singular em algo – etc » P. V. Sandrone, *Memorie*, p. 10, Arquivo IMC).

Para além do acolhimento, admiramos no Fundador a capacidade de comunicar a sua própria experiência quase como se se comunicasse em pessoa. «Eu digo-vos aquilo que sinto» (Conf. IMC, III, 595): estas palavras pronunciadas depois de alguns conselhos sobre o modo de fazer a Visita ao Santíssimo Sacramento, contêm o segredo da sua capacidade de entrar na vida dos seus filhos. A intenção dele era acompanhar o desenvolvimento da pessoa comunicando a sua própria experiência de vida, para além da doutrina. E não fazia segredo disso: «A minha experiência de comunidade, de que aliás tenho vivido toda a vida, é isso que quero aplicar a este Instituto» (Conf. IMC, I.15). «[Dos exercícios espirituais] trouxe para cá o espírito, um depósito de espírito, e vós sabeis que é? Um ou outro bom pensamento que me fez mais impressão eu vo-lo trago para vós. [...] O mesmo se diga dos sermões, das meditações, dos exames de consciência; ao fazer-me bom, também pensava em vós. Para vós e para mim» (Conf. IMC, II, 634).

### **Conhecer a fundo o pensamento e o espírito de José Allamano**

Não é suficiente estimar e amar o Fundador. Nem sequer basta rezar por sua intercessão. É indispensável conhecer bem o seu pensamento e, portanto, o seu espírito. Os que viviam com ele, ouviam-no, viam-no, deixavam-se atrair pelo seu testemunho de vida. Pode-se dizer que os nossos primeiros confrades o conheceram muito bem. Não é por acaso que os testemunhos que nos deixaram acerca dele são tão profundos e exactos. Basta lê-los para constatar a sintonia, mesmo de pensamento, que se criava ali entre Pai e filhos. Torna-se espontâneo personalizar o discurso e perguntarmo-nos se temos base para afirmar que conhecemos o pensamento do Fundador. Podemos tentar lembrar um número de obras lidas sobre a sua vida, as suas biografias, etc. Um ou outro volume, como “A Vida Espiritual”, os volumes sobre as suas conferências, as cartas, as biografias escritas pelos missionários, por exemplo. Eu bem compreendo a dificuldade das línguas, mas não há outro caminho. Para possuímos de forma vital o pensamento e o espírito do Fundador, temos de partir daí – tomar conhecimento do que disse e escreveu, para depois poder “ruminá-lo”, como dizia ele, quer dizer, aprofundá-lo na oração e na interiorização pessoal. Por sorte temos muito material a

ajudar-nos. Muito recentemente, e precisamente para vós jovens, fizemos uma obra de actualização do material das suas conferências – coisa forçada pelo facto de que entreo Fundador e nós a Igreja celebrou um Concílio Ecuménico. A nova obra “Cosi vivoglio” (em português Tudo pelo Evangelho – ndt) é sobretudo para vos, caros jovens, e eu vos garanto que podeis, tanto em comum como em privado, encontrar aí uma síntese completa e ordenada do pensamento, tanto mais que agora temos várias traduções. Também ao nível do conhecimento do pensamento e do espírito do Fundador pretendo fazer-vos a proposta de uma ou outra pista que vos possa ajudar. Fica para vós a tarefa de desenvolver a fundo os traços que seguem.

### **Sobre o sacerdócio ministerial**

Começaremos com o sacerdócio, que tem interesse para a quase totalidade de vós... Já escrevi bastante sobre este tema ao tratar do Ao Sacerdotal na circular e também disse algo antes ao falar-vos do fervor de J. Allamano enquanto seminarista. Mas pretendo adicionar agora outro assunto. A teologia do tempo do Fundador insistia na “dignidade” do sacerdócio. Partindo do texto de 1Pd 2,9 que diz «Mas vós sois uma estirpe escolhida, sacerdócio real», a ênfase recaía sobre o conceito de “realeza”, sobre a dignidade do sacerdote. Também José Allamano, tal como os demais do seu tempo, seguia esta linha de pensamento. Por ocasião da ordenação de cinco novos confrades em 1912, o Fundador exprimiu-se nestes termos: «Cinco novos sacerdotes equivale a dizer cinco reis, cinco anjos, cinco seres divinos» (Conf. IMC, I 429).

Este conceito expresso desta forma parece bastante pesado, mas o Fundador depois explicou-o a fundo. Embora hoje não repitamos à letra estas expressões, por certo queremos de manter a convicção-base, quer dizer: o apreço incondicionado pela nossa vocação sacerdotal. Irei repetir ainda uma ou outra expressão do nosso Pai de que faleino princípio: «Deveria passar a minha vida toda de joelhos de cabeça baixa a agradecer a Deus pela vocação» (Conf. SMC, II. 559). É agora a altura que vos pergunteis: tenho uma estima assim pela vocação sacerdotal? Sinto-a como o maior tesouro que possuo? São sobrenaturais os motivos que me levam ao sacerdócio? Se assim for, então segue que o esforço formativo lhe deve ser proporcional, quer dizer, supremo. O Fundador pensava assim: «A tanta dignidade deve corresponder igual santidade» (Conf. IMC. I. 430).

### **Sobre a missão “ad gentes”**

Paremos agora sobre a dimensão missionária da vocação. A problemática sobre a missão nos dias de hoje vós bem a conheceis dos estudos de missiologia. Enquanto Instituto nós queremos estar abertos às novas exigências e ser fiéis às indicações da Igreja que se manifesta nos seus Pastores, tal como o era o Fundador. A missão do terceiro milénio não nos deve encontrar atrasados, menos ainda com falta de preparação. O que vos quero apontar na linha formativa é algo que tem dois aspectos: exclusividade e totalidade da vossa vocação missionária. Exclusividade significa que nós somos “apenas” missionários, de forma que vos estais preparando apenas para isso e não para outras tarefas de carácter apostólico. Chegados aqui eu poderia dizer-vos muita coisa mas baste relatar aquelas famosas e bem conhecidas palavras do Fundador: «Quem entrar para o nosso Instituto com finalidade diferente da de ser missionário da Consolata seria um intruso [...] O Instituto não é um colégio, nem um seminário onde possam desenvolver-se várias vocações, mas apenas a missionária e a de missionário da Consolata» (Conf. IMC, I, 623). Esta exclusividade da dimensão missionária produz efeitos práticos não apenas para o período da formação de base como também para toda a vida. No futuro sereis destinados só a actividades missionárias, que fique bem claro. José Allamano também insistia sobre a “totalidade” intrínseca à vocação missionária. Totalidade significa não excluir nada, nem quanto ao modo nem quanto ao tempo; é dar o melhor de nós à missão e sempre. Ouçamos ainda o Fundador quando interpelava os jovens sobre a sua vocação: «E porque viestes? Porque estais aqui?... [...] Todos respondeis “Para ser missionários!»; e se alguém tivesse outro objectivo, andaria muito enganado: o ar daqui só é bom para quem quiser ser missionário, se não não presta para os vossos pulmões. Mas para tal é preciso fazer-se santo. Deus não se serve normalmente para fazer conversões senão de santos. A primeira coisa, portanto, é santificarmo-nos,

se não iremos para lá e em vez de converter iremos perverter. Portanto façamo-nos santos» (Conf. IMC, II, 82). Reparai, disse não só missionários mas missionários santos. Há um “mais” que o Fundador achava ser indispensável para um missionário, e falava dele aplicando-o a casos mais variados da vida. Por exemplo, «Se um cristão não deve procurar ter todas as comodidades, tanto menos as deve procurar ter um missionário» (Conf. IMC, III, 291). «É uma vida de sacrifício a nossa enquanto pessoas, cristãos, religiosos, sacerdotes e mais ainda como missionários» (Conf. IMC, III, 291). O Fundador era da convicção de que a vocação missionária exige um empenho todo especial de santidade, porque é ela que segue mais de perto o estado de vida escolhido pelo Verbo Encarnado: «Foi o Senhor que a escolheu e se existisse uma vida de maior perfeição, uma vida mais elevada, ele a teria escolhido» (Conf. SMC, II, 666).

Como vedes, caros jovens, a vocação missionária é de facto “exigente”. Ela contém desafios formidáveis mas que por certo vos não metem medo, pelo contrário vos entusiasma. Para enfrentar estes desafios é necessário muito amor. Para o Fundador, a nossa vocação exige um amor de Deus sem fronteiras, e igual amor pelo próximo. Só assim seremos missionários santos porque, tal como ele dizia: «amar e fazer-se santos são a mesma coisa» (Conf. SMC, II; cf. Conf. IMC, III, 396).

### **Sobre a consagração religiosa**

Creio que tendes conhecimento do progresso histórico que o nosso Instituto fez na ordem jurídica. Passou de uma “associação religiosa” a uma “sociedade de vida apostólica” até se tornar “congregação religiosa”. Tal progresso deu-se durante a vida do Fundador e foi secundado por ele, mesmo procurado. Assim podemos dizer que para nós “ser religioso” ou “consagrado” faz parte do nosso carisma originário. Faz parte do nosso ADN. Especialmente durante o noviciado, mas também durante a nossa formação vós preparais-vos para a vida consagrada, conjuntamente para a missão e para o sacerdócio. Não é sem razão que os votos são feitos primeiro de forma provisória, precisamente para vos dar a oportunidade de fazer tirocínio na vida real da vossa responsabilidade e capacidade para os viver em plenitude. Na obra “Così vi voglio” encontrareis o essencial do seu ensinamento, que podereis aprofundar valorizando as suas conferências dominicais. Aquilo que quero chamar à vossa atenção são os elementos que o Fundador mais apreciava precisamente no que toca à vida consagrada de missionários. Em primeiro lugar, ele concebia a vida consagrada como a forma de vida melhor e mais adequada a ser-se missionário. Era uma convicção que ia buscar à sua experiência e à comparação que pôde fazer com os muitos institutos religiosos e não religiosos. A este respeito temos a famosa conferência de 19 de Outubro de 1913 (Conf. IMC, III, 339-340), que vos recomendo. Aprofundai-a, porque as razões que o Fundador apresenta a favor da vida consagrada para nós missionários ainda hoje são valiosas. Basta-me apontar o princípio geral, que exprimi na sua carta circular de 31 de Maio de 1925: «[O Instituto escolheu a forma “religiosa” impelido] pelo desejo de formar um corpo moral mais perfeito para a nossa santificação, muito mais idóneo para a evangelização e mais condizente com a vida de missão» (Lett x, 305-306).

Podemos encontrar um segundo elemento na unidade entre a vocação missionária e a vocação religiosa. Tende presente que o nosso Fundador não dividia a vocação em sectores. Segundo ele, os nossos votos religiosos são de per si também “missionários”. Eis o que disse na renovação dos votos de uma Irmã: «São votos de missionárias, portanto são precisas graças adequadas às missionárias. Quando fazeis ou renovais os votos, também é preciso pensar nas almas» (Conf. MC, III, 41. Noutra ocasião, disse às noviças que estavam a preparar-se para fazer a profissão: «Deveríamos ter como voto servir as missões até sob risco de morte. [...] Quando fizerdes os votos recordai-vos de que no meio dos três votos também está este quarto voto...») (Conf. MC, I, 434).

O terceiro aspecto que desejo apontar é que para J. Allamano, a consagração religiosa caracteriza-se pela “totalidade” da entrega que se faz a Deus. Na linha da cultura do seu tempo, sempre se exprimia desta forma: «Quem é religioso não dá a Deus apenas trabalho, mas também a árvore, a raiz de

todas as obras» (Conf. IMC, III, 340); «Quem faz voto obriga-se a ser firme [...], e ainda oferece a liberdade de agir diversamente; dá a Deus não apenas o fruto como também a planta» (Conf. MC, III, 91). Isto quer dizer que, enquanto religiosos, temos uma garantia a mais de realizar a nossa identidade missionária, que por natureza é “total” e “por toda a vida” (cf Decreto “Ad Gentes”, 17). Como notais, ser missionários religiosos é um dom especial mas também um empenho exigente. Lembrai o lema tão famoso no nosso Instituto: “primeiro santos, depois missionários”. Pois bem, o mesmo lema, segundo a intenção do Fundador, podese expresso com estas outras palavras: “primeiro religiosos e depois missionários”. Ele próprio o disse. De facto, a consagração religiosa, se for vivida coerentemente, leva à santidade de vida e, portanto, é a premissa necessária e lógica para o serviço missionário. Assim dizia o nosso Pai: «Se por fim quiserdes ser missionários às direitas, é preciso que primeiro sejais ótimos religiosos; antes de converterdes os outros é preciso que sejamos santos nós» (Conf. IMC, III, 342).

### **Desenvolver-se vivendo na interculturalidade**

Sobre esta actualíssima questão da multiculturalidade penso ter já escrito bastante na circular geral. Notai que se trata de um tema aberto sobre o qual o discurso nunca se fecha. A nossa atitude é sermos sensíveis, realistas, abertos e, digamo-lo mesmo, generosos quando for preciso aceitar contrariedades. A interculturalidade não é apenas um modelo novo e mais eficaz de montarmos a nossa internacionalidade actual ou de pelo menos a mantermos livre de conflitos o mais possível. A interculturalidade na espiritualidade do nosso Instituto, na minha opinião, quer dizer muito mais, ou seja é convite a uma visão mais profunda do actual mundo plural e em contínua evolução tal das pessoas que o habitam, independentemente da língua, da cultura, da religião – uma visão que está em sintonia com a “contemplação cristã de olhos abertos”. Uma tal visão deve ser considerada também nas relações interpessoais no seio do Instituto e das nossas comunidades formativas. Peço-vos que façais deste importante tema um objecto da vossa reflexão comunitária mas não no sentido puramente teórico, e sim prático, tendo presentes as guias e indicações ligadas ao Fundador como procurei explicar na outra circular. Vós, meus caros jovens, sois privilegiados sobre este assunto porque as vossas comunidades são de facto internacionais e por isso interculturais. Vós podeis formar-vos e crescer na experiência vivida na interculturalidade. A vossa geração, uma vez tornada adulta, não poderá deixar de ser intercultural, contanto que agora trabalheis com inteligência e generosidade. Nos nossos noviciados e casas de formação os sinais da interculturalidade já são numerosos e evidentes. Estais convidados a continuar a percorrer a caminhada já começada dando do vosso melhor. Num mundo caracterizado pela pluralidade cultural, é tarefa profética da Igreja e nossa enquanto Instituto o ferecer ao mundo plural novos modelos exemplares da vida comunitária. Poderia surgir o risco de, ao empenharmo-nos em aderir às várias culturas, pouco a pouco descuidarmos as origens e a tradição. Lembremos que tudo tem o seu valor. A árvore mantém-se viva e produz fruta se conservar as raízes vivas e saudáveis. Os futuros Missionários da Consolata serão necessariamente uma família intercultural mas com todos os valores e com o espírito imutado de J. Allamano. É um ideal estimulante que merece ser trabalhado.

### **CONCLUSÃO**

Meus Caros Jovens: ao concluir esta carta proponho-vos um exercício interessante – o de fazerdes uma comparação entre vós e o Fundador vivo e presente. Para que resulte, deveis fazê-lo repetidamente e num modo concreto, existencial e adequado àquele que estais vivendo. “Confrontar-se” com o Fundador quer dizer realizar um gesto formativo de primeira ordem, contanto que saibais colocar-vos perante ele tais quais sois, deixando-vos conhecer e interrogando-o, discutindo mesmo, para depois lhe responderdes. Mas as respostas não devem vir por vossa conta; sob o ímpeto da fantasia. Devem ser objectivas, ou seja, devem conter a verdade do espírito do Fundador. Tal como dizer: «Hoje o Fundador dir-me-ia isto ou aquilo, faria isto ou aquilo...» pode ser bastante fácil. Para que também sejam verdadeiras, essas respostas requerem uma disposição interior, que



impeçam fazer batota. Para além do conhecimento é preciso que haja “sabedoria”, virtude que vêm do Espírito Santo. De forma que antes de vos comparar vos com o Fundador, para além de o conhecer des, a sua historicidade, o seu pensamento, tendes de “rezar” para terdes luz e força: luz para não errar, força para não dar meia volta e fingir que não entendestes. O Fundador ainda hoje ‘e incapaz de vos pedir o impossível, mas pedirá certamente a coerência, no clima de fervor que sempre propôs aos seus missionários.

Quando José Allamano ainda andava por aqui, ele garantia que este tipo de confronto com as comunidades e com cada qual sucedesse através da obra formativa. Conhecia cada um individualmente. Agora ele continua a garanti-lo através da inspiração. Como então, também hoje, a todos os seus discípulos, se pede que sejam activos, aceitando a sua doutrina, seguindo as suas propostas, confrontando com ela a própria vida e as próprias actividades. Quem não cumpre este contacto existencial de conhecimento, seguimento e confronto porque é preguiçoso ou porque não tem interesse, coloca-se de fora do seu influxo. É comparável aos que durante a vida neste mundo tinham falta de vontade, andavam distraídos, eram frígidos ou não o seguiam. Sem dúvida que nenhum deles se tornou Missionário da Consolata ou se o conseguiu, só conseguiu juridicamente, mas não na identidade vocacional. Tenho a certeza de que o vosso contacto com aquele que sentis ser o “Pai” da vossa vocação durante este ano de 2010, terá um lugar privilegiado. Para que tal aconteça plenamente em todos, garanto-vos as minhas orações junto de Maria Consolata e do Fundador, aos quais peço uma bênção especial sobre os nossos noviciados e casas de formação, que são o futuro da nossa Família Missionária.

*P. Aquiléo Fiorentini, IMC  
Superior Geral*

*Senhor,*

*Nós vos damos graças pelo nosso Fundador, O Beato José Allamano.*

*Como pai e mestre, Ele nos ensinou a ser missionários em espírito de família e santidade de vida.*

*Ajudai-nos a viver com fidelidade e ardor a nossa consagração missionária,*

*Na partilha do mesmo carisma,*

*No amor fraterno e no zelo apostólico.*

*Ensinai-nos a anunciar a todos Que vós sois Pai e chamais cada pessoa,*

*Cada povo e cada cultura a fazer parte*

*Do vosso projecto universal de salvação. Amen!*

*Consolata, Nossa Mãe, rogai por nós!*